

Cordeiros entre lobos

A posição do católico no mundo moderno é a do mediador. “Eu vos envio como cordeiros entre lobos”, disse o Cristo. (Lucas 10, 3). O católico não deve atingar um homem contra outro, um grupo ou um partido contra outro. Nós somos mandados a este mundo como cordeiros entre lobos. Teremos que vencer pela generosidade, pela clemência, pela simpatia, pelo amor. É completamente errada essa divisão que hoje se estabelece entre direita e esquerda. Para o Cristo não há esquerda nem direita. Há homens que são limitados pelo mal: e justamente os que são mais limitados é que mais precisam da palavra de amor - isto é, os maiores pecadores. Na direita há muita gente safada, na esquerda há muita gente boa - e vice-versa. Os socialistas e comunistas que, mesmo sem o saber, seguem as leis de Deus muito mais do que certos católicos que batem no peito de meia em meia hora. A tal separação a que aludi me parece hoje tão artificial como a divisão do mundo em dois grupos - de um lado o proletário, bom, honesto, puro, santo, e do outro lado o burguês, corrupto, ladrão, sem-vergonha. Diante da mistura heterogênea das classes na sociedade (não só politicamente, mas intelectualmente falando) não se pode mais estabelecer uma

regra fixa de distinção. Há dois meses atrás o deputado conservador católico La Cour de Grandmaison censurava em pleno Palais Bourbon o governo da Frente Popular pela sua timidez em executar as reformas sociais. Na mesma época o deputado radical-socialista Campinchi, violento anticlerical, declarava achar estúpida a luta contra a Igreja Católica. Os exemplos se acumulam e não cito mais por falta de espaço. Não quero dizer que não haja certos grupos bem definidos. Por exemplo, o grupo dos grandes banqueiros, industriais e capitalistas é francamente direita - e só consentirá em fazer reformas em benefício público, se a isto for constringido pelo Estado, quase *manu militari*... É preciso que os católicos mantenham uma posição de equilíbrio, isto é, de mediadores. É claro que um católico não pode e não deve ser comunista. A condenação do comunismo antes de ter sido feita pelos Papas, já consta do Evangelho. A confusão atual é tão grande que um católico, ao anunciar princípios básicos contidos na lei evangélica, passa por comunista. A tarefa do católico hoje é imensa. Trata-se - nada mais, nada menos - de desemburguesar a sociedade evangelizando-a. Isto pode parecer uma loucura - principalmente aos olhos dos burgueses. Os católicos não podem se queixar da falta de trabalho... É necessário confiar menos na polícia e confiar mais no Evangelho. Os cristãos são muitas vezes tentados a acreditar que o Estado resolve todas as coisas, que a polícia é onipotente - e que, não havendo correrias nas ruas, está tudo muito bem. Ora, mesmo que amanhã se instalasse no Brasil um governo forte que deportasse, ou mesmo fuzilasse, todos os comunistas brasileiros, o comunismo não acabaria entre nós. O comunismo esfriará quando os católicos resolverem viver pública e particularmente a vida católica em toda a sua grandeza e dignidade, dando aos outros o

exemplo que convence. É o que se verifica hoje na França onde o catolicismo é respeitado e admirado pelos seus adversários. A Igreja observa através dos séculos esta doutrina - condenar rigorosamente o erro, é usar de indulgência para com o pecador. Não foi somente em séculos remotos que isto se passou. A doutrina continua ser aplicada até os nossos dias. Escreve Pio X na encíclica *E supremi apostolatus*: “A caridade paciente e benigna deverá ir adiante daqueles mesmos que são nossos adversários e nossos perseguidores. ‘Eles nos maldizem’ - assim o proclamava S. Paulo - ‘e nós abençoamos; perseguem-nos e nós suportamos; blasfemam-nos e nós rezamos’ (1 Coríntios 4, 12-3). Talvez até mesmo eles se mostrem muito piores do que são realmente. O contato com os outros, os preconceitos, a influência das doutrinas e dos exemplos, enfim o respeito humano, conselheiro funesto, levaram-nos ao partido da impiedade; mas no fundo sua vontade não está tão depravada como querem fazer crer”. Também o Papa Pio XI, na encíclica *Quadragesimo anno*, no discurso aos bispos espanhóis e na encíclica *Divini Redemptoris*, continua a milenar tradição.

O católico deve ser um centro estabelecedor de relações; deve estar no meio de todos como o próprio Cristo, e não se contaminar porque toca em coisas impuras. O católico precisa estar no meio dos ateus e dos comunistas, procurando ocasiões oportunas para demonstrar que o ateísmo ou o comunismo não resolvem os grandes problemas da existência humana e que só o cristianismo os resolve. Aos que estranharem tal afirmação, responderei que o padre alemão Rossaint foi condenado no princípio deste ano a 11 anos de trabalhos forçados, por entreter relações com elementos comunistas; e que, tendo a imprensa nazista feito uma grande algazarra a propósito, o *Osservatore romano*,

replicou que “se tratava de chamar à verdade divina os transviados, aquele era o apostolado mais útil e urgente” (“Sept.” 07/jun/937).

Não sou anarquista. Reconheço ao Estado o direito e o dever de se defender contra todos os que pretendem subverter seus fundamentos. O que afirmo, entretanto, é que tal tarefa não pertence aos católicos portadores de uma mensagem de ordem sobrenatural que transcende todos os conceitos, inclusive o de pátria. Não se deve rezar ao chefe da polícia ou ao ministro da justiça; deve-se rezar a Deus por intermédio de Jesus Cristo Nosso Senhor. O grande e profético Papa Pio X, na sua já citada encíclica, escreve ainda: “Existe um grande número de homens que, impelidos pelo amor da paz, isto é, da tranqüilidade na ordem, associam-se e organizam-se para formar o que chamam o partido da ordem. Ah! Que vãs esperanças, que trabalhos perdidos! Só há um partido de ordem capaz de restabelecer a tranqüilidade no meio da perturbação das coisas: o partido de Deus. É, portanto, este que devemos promover; é a ele que devemos trazer o maior número possível de aderentes”. Não vão chamar de sonhador o Papa Pio X, que tanto perturbou o sono dos estadistas franceses... Estas observações do santo Pontífice aplicam-se como uma luva ao atual momento político brasileiro. Realmente, o Partido Integralista e o grupo de moços católicos de Recife que dirige a revista *Fronteiras* estão acreditando - não duvido que animados de reta intenção - na regeneração do Brasil por meio de uma ordem política que eternize os princípios conservadores na esfera social e econômica. Quanto a mim, que me chamem de louco, já estou acostumado; mas eu só acredito na transformação do Brasil por um sopro poderoso do Espírito de Cristo, isto é, do Espírito Santo - e não pelo espírito do chefe nacional. No dia

em que as almas estiverem renovadas por uma ação vivificante espiritual - isto é, procedente do Espírito Santo -, aí então haverá uma refração disto no plano político e nas instituições sociais. Esperar o contrário será trocar o efeito pela causa.

Aos que confundem minha posição com a do escritor francês Robert Honnert, que recentemente aceitou a aliança proposta pelos comunistas, respondo aqui que se enganam. Discordo de certos padres e bispos, mas não discordo da orientação suprema da Igreja. Robert Honnert é declaradamente anticlerical: eu não sou. Não é possível ser católico e anticlerical ao mesmo tempo. E não é possível também, ser católico e comunista ao mesmo tempo. Honnert está certo em algumas coisas, mas noutras errado. Não pode existir aliança doutrinária e política entre católicos e comunistas. Pode - e deve - haver aproximação humana cordial, para um melhor conhecimento mútuo que ajude a desfazer muitos enganos. E, como às vezes há discordância e oposição de pontos de vista entre os membros do clero, procuro me orientar pelo Evangelho e pela palavra pontifícia, absolutamente seguro de que a Igreja Católica “coluna e fundamento da verdade” (1 Timóteo 3, 15) restabelecerá o equilíbrio num mundo desesperado pela invasão das falsas doutrinas, das quais a mais nefasta é o comunismo materialista e ateu.

